

03 39 05



1000V



ROGÉRIO
ANDRADE
BARBOSA

MA
SHA
MEU NOME É LA

ILUSTRAÇÕES
MAURICIO NEGRO

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Angélica Ilacqua - CRB-8/7057

Barbosa, Rogério Andrade

Meu nome é Mashala / Rogério Andrade Barbosa ; ilustrações de Mauricio Negro. - São Paulo : Saberes e Letras, 2023.

88 p. : il., color. (Coleção Entremeios)

ISBN 978-65-84607-11-8

1. Literatura infantojuvenil 2. Congo (República Democrática) I. Título II. Negro, Mauricio III. Série

23-2114

CDD 028.5

Índice para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil

1ª edição – 2023

Direção-geral: *Ágda França*

Editora responsável: *Andréia Schweitzer*

Assistente de edição: *Fabiola Medeiros*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Copidesque: *Ana Cecília Mari*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegari Neto*

Produção de arte: *Elaine Alves*

Ilustrações e projeto gráfico: *Mauricio Negro*

Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.



Cadastre-se e receba nossas informações

<http://www.sabereseletras.com.br>

Telemarketing SAC: 0800-7010081

Saberes e Letras

Rua Botucatu, 171 – Vila Clementino

04023-060 – São Paulo – SP (Brasil)

Tel.: (11) 2125-3575

editora@sabereseletras.com.br

© Instituto Alberione – São Paulo, 2023

Dedico este livro, baseado em fatos reais,
às crianças da República Democrática do Congo
e, também, a três congoleses notáveis pela incessante luta
em defesa dos direitos humanos de seu sofrido povo:
ao médico Denis Mukwege, prêmio Nobel da Paz 2018,
e à enfermeira Angélique Namaika, vencedora do prêmio
Nansen para Refugiados 2013, oferecido pela
Organização das Nações Unidas (ONU).
E também à coronel Honorine Munyole, mais conhecida como
Mamam Colonelle, que trabalha para a polícia congoleza,
à frente da unidade de proteção a menores
e de combate à violência contra mulheres.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
PRÓLOGO	13
CAPÍTULO 1	
EM PODER DOS MAI-MAI	15
CAPÍTULO 2	
O ORFANATO	37
CAPÍTULO 3	
NAS RUAS DE KINSHASA	45
CAPÍTULO 4	
PERDAS	53
CAPÍTULO 5	
UM SONHO DESFEITO EM CINZAS	61
CAPÍTULO 6	
A FORÇA DAS MULHERES	67
EPÍLOGO	85

APRESENTAÇÃO

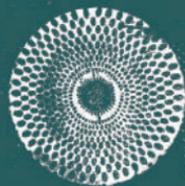
Apresentar um livro de qualquer autor é tarefa sempre investida de grande importância e, conseqüentemente, de igual responsabilidade. No caso específico de Rogério Andrade Barbosa, tal tarefa se investe de responsabilidade ainda maior. Nem é exatamente por se tratar de um dileto amigo e companheiro de lutas e peripécias literárias, lá se vão facilmente mais de trinta anos. Talvez pudesse ser, mas nunca seria apenas por conta disso. A grande, porém doce, dificuldade de se falar sobre qualquer obra sua, reside na solidez e inescapável relevância de seu trabalho.

Autor de mais de uma centena de obras voltadas para a literatura infantojuvenil, meu grande amigo e autor transformou-se sem favor algum no mais notável cronista e narrador da cultura e história dos incontáveis povos do continente africano, e isso bem antes da promulgação das conhecidas leis que estabelecem a obrigatoriedade em nossas escolas e quando poucos se dedicavam a esse tão necessário quanto (ainda hoje) incompreendido empreendimento. *Meu nome é Mashala*, este seu mais recente livro, é mais um excelente exemplo dessa dedicação e permanente interesse. Abandonando momentaneamente a cultura e o rico folclore, do qual é inquestionável mestre e conhecedor, envereda pela atualidade de conflitos e complexidades da África contemporânea.

Situado na República Democrática do Congo, mas parte do cotidiano de outros países do continente (realidade desconcertantemente parecida a que atingiu recentemente e sob forma de tragédia o Quênia), *Meu nome é Mashala* dá rosto e visibilidade ao drama de crianças acusadas de bruxaria por seitas lideradas por criminosos que, valendo-se da religiosidade, estabelecem clima de permanente intolerância e terror em comunidades inteiras.

Tristemente atual, não apenas no continente africano mas em outras partes do mundo, esta obra é leitura imprescindível que amplia nosso conhecimento sobre a África, mas se investe de importância ainda maior quando compreendemos que, em amplos aspectos, a África somos nós, tanto em sua exuberância cultural quanto em seus múltiplos dramas humanos e sociais.

Júlio Emílio Braz



**WÁ WÁ WÁ WÁ
EH! MWÂNÁ NDILA
WÁ WÁ WÁ
EH! MWÂNÁ NDILA ÉH MAMÁ***

(NÃO CHORE, MINHA CRIANÇA / MAMÃE ESTÁ AQUI)

*** ACALANTO TRADICIONAL CONGOLÊS**



PRÓLOGO

“**B**ruxa, eu?”, questionava-se a menina, não entendendo a acusação que havia sido imposta a ela. “O que foi que eu fiz?”, perguntava a si mesma, em desespero, esmurrando a porta do cubículo onde fora trancafiada.

Fazia horas que ela havia sido jogada na cela abafada e escura. Tanto que perdera a noção do tempo. O calor, a sede e a fome consumiam suas forças, deixando-a cada vez mais enfraquecida.

“O que será que vão fazer comigo?”, delirava em voz alta, sozinha, numa cidade imensa e desconhecida, tão distante da aldeia em que nascera.

As pessoas que a julgaram, baseadas em crenças disseminadas por falsos profetas das centenas de templos espalhados pelos bairros pobres de Kinshasa, capital da República Democrática do Congo, apontavam seus dedos, principalmente, para menores frágeis e indefesos iguais à angustiada prisioneira. De acordo com seus inquisidores, a partir da acusação de feitiçaria, ela deixava de ser considerada uma criança. Era, assim, uma *ndoki*. Sujeita, portanto, a todo tipo de castigo, maldade e abandono.

“*Ndoki, ndoki, bruxa, bruxa...*” Eram as palavras que não saíam de sua cabeça.

Mesmo assim, num esforço supremo, ela bradava para as paredes nuas:

– Meu nome é Mashala. Meu nome é Mashala...



EM PODER DOS MAI-MAI

I Mashala lembrava-se perfeitamente da manhã em que ela e o irmão mais velho foram raptados. Era um dia como outro qualquer em sua aldeia. Os dois brincavam tranquilamente à beira do rio Congo, quando ouviram os primeiros disparos ecoando pelo ar.

– Corram! – avisou a mãe, retornando às carreiras da plantação de milho.

Antes que compreendessem o que estava acontecendo, foram cercados por um bando de garotos entre dez e catorze anos, portando fuzis. Milicianos infantis recrutados à força por rebeldes contrários ao Governo, famosos por sua crueldade. Alguns carregavam arcos e flechas. As pontas das setas, banhadas em poções feitas com ervas venenosas, causavam tantos estragos quanto os projéteis de um rifle. Todos usavam tubos de mangueiras de plástico enrolados em torno do pescoço, nos quais penduravam torneirinhas de metal. Os jovens recrutas, conhecidos como Mai-Mai,

acreditavam que os amuletos, por sua magia, tornavam seus corpos invisíveis e à prova de balas.

Os rostos pintados de listras brancas e os chapéus de cone alto, enfeitados com folhas de árvores e tufo de capim, complementavam a aparência assustadora. Atrás do medonho pelotão, dando ordens a torto e a direito, marchava um grupo de homens uniformizados, armados até os dentes.

Os invasores não estavam de olho nos silos de argila abarrotados de grãos. Muito menos no rebanho de cabras dos aldeões. A atenção dos abutres estava voltada, na verdade, para uma presa maior: as crianças do lugarejo. Aos empurrões, puseram-se a separar os meninos e meninas que tinham idade aproximada à dos ferozes soldadinhos.

– Andem, andem! – gritavam os Mai-Mai, enquanto os guerrilheiros adultos rendiam o restante da população.

– Queimem tudo! – ordenou o barbudo líder, erguendo a AK-47 de cano prateado para o alto.

Foi a última vez que Mashala e Musimba viram seus parentes. Pais, avós, tios e demais habitantes da povoação foram tangidos, como se fossem bois destinados ao abate, para um matagal atrás das casas em chamas.

Os rolos espiralados de fumaça que começavam a se alastrar, borrando o céu de tristeza, decretavam o final da trágica manhã. Logo, os pedidos de clemência e o choro dos bebês às costas das mães foram abafados por uma rajada de balas, seguida por um profundo silêncio.

II

Sequestradores e sequestrados caminharam dias e noites, numa marcha forçada, mata adentro. Os rebeldes mais agressivos eram os aprendizes de guerrilheiros. Os meninos, que mal aguentavam carregar as pesadas armas que traziam cruzadas nos peitos mirrados, cutucavam e batiam a todo instante nas costas dos prisioneiros com as coronhas das AK-47.

– Vamos, vamos! – apressavam aos berros.

Mashala, embora mal tivesse completado onze anos, sabia o futuro que a aguardava. Meninas da sua faixa etária eram um dos alvos preferidos dos guerrilheiros que atacavam constantemente as aldeias no interior do país. Enquanto ela não tivesse idade para casar, serviria certamente como escrava a seus captores. Quanto ao irmão, o destino de Musimba estava traçado também: seria treinado e incorporado ao exército de guerrilheiros mirins, mesmo contra a sua vontade e tendo somente doze anos.

Todos os dias, ela e as outras garotas, escoltadas por um nervoso soldadinho, ajudavam nos pequenos afazeres. Cata-vam galhos secos para as fogueiras, buscavam água nas fontes, limpavam os pratos de alumínio barato e, às vezes, lavavam e torciam os uniformes encardidos dos homens de ar enfezado. Quanto às roupas dos Mai-Mai, não passavam de trapos, que eles raramente tiravam dos corpos suados.

Ao anoitecer, após uma breve refeição, dormiam ao relento, separadas dos garotos de sua aldeia. Esses, com as mãos atadas, viviam permanentemente sob a mira das armas dos pequenos soldados.